

Reciclagem e Educação: interlocuções possíveis a partir da vivência em uma associação de catadores

Recycling and Education: Possible interlocutions from the experience in a collectors association

Prof.^a Ms. Marilena Kaizer Rossignoli

Universidade Federal de Juiz de Fora

marilenakaizer@gmail.com

Prof. Dr. Paulo Henrique Dias Menezes

Universidade Federal de Juiz de Fora

paulo.menezes@ufjf.edu.br

Prof.^a Dr.^a Cristhiane Carneiro Cunha Flôr

Universidade Federal de Juiz de Fora

christhianeflor@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa desenvolvida para investigar as possíveis interlocuções entre educação e reciclagem a partir da imersão em uma Associação de Catadores. Para isso, adotamos elementos da observação participante, da etnografia e da teoria da ação dialógica de Paulo Freire para construir um entendimento da reciclagem a partir de interlocuções entre o nosso olhar e o olhar dos catadores, desde a separação do material na residência em que o lixo é gerado até o processamento do material reciclável nas indústrias transformadoras. Essa imersão resultou em cinco episódios de análise, escritos na forma de narrativas, que retratam a experiência vivida no depósito da associação. Neste trabalho, apresentamos um desses episódios, intitulado “Superação”, no qual discutimos a necessidade de superação de preconceitos e da ingenuidade com que lidamos com problemas complexos no sentido do desenvolvimento de uma conscientização crítica da realidade.

Palavras-chave: reciclagem, educação, catadores, conscientização.

Abstract

This paper presents part of the results of a research developed to investigate the possible interlocutions between education and recycling from the immersion in an Association of Garbage Collectors. For this, we adopted elements of participant observation, ethnography and Paulo Freire's theory of the dialogical action to build an understanding from interlocutions between our outlook and the collectors' outlook, from the separation of the material in the residence where the garbage is generated until the processing of recyclable material in the manufacturing industries. This immersion resulted in five episodes of analysis, written in narrative form, that depict the experience lived in the shed of the Association. In this paper we present one of these episodes, titled "Overcoming", in which we discussed the need to overcome

the prejudices and the ingenuity with which we deal with complex problems in the sense of developing a critical awareness of reality.

Keywords: recycling, education, garbage collectors, awareness.

Introdução e fundamentos teóricos

O ritmo de vida da sociedade contemporânea tem contribuído para o aumento e a diversificação da produção de lixo, fomentada pela obsolescência programada, pela descartabilidade e pelas mudanças nos padrões de consumo – excessivo e supérfluo. Com isso, no bojo dessa sociedade, o consumismo tem levado à formação de pilhas de resíduos sólidos, descartados no pós-produção e nas cadeias de consumo (RIBEIRO, MORELLI, 2009; JACOBI, BESEN, 2011). Para resolver esse problema, soluções apontadas pela técnica e pela ciência têm sido adotadas para garantir a manutenção do bem-estar social, levando-nos a caminhar dos amontoados de lixo a céu aberto para as grandes áreas com aterros sanitários, aparelhos de incineração, até chegarmos aos fascinantes processos de reciclagem, tidos como ecologicamente corretos, socialmente justos e economicamente viáveis, ou seja, ambientalmente sustentáveis. Nesse sentido, a ciência e a técnica resolvem, aos olhos da sociedade, o problema da geração de resíduos em larga escala e garantem a manutenção do sistema posto.

Por outro lado, de acordo com Figueiredo (2013, p. 6), no que concerne à reciclagem “[...] as administrações públicas de países centrais e periféricos recorrem à atividade: para atenuar os problemas ambientais vinculados aos resíduos; como mecanismo de inclusão social; e como promotor de ganhos econômicos [...]”. Assim, em contraposição às numerosas vantagens anunciadas, Figueiredo (2012) alerta para algumas contradições e consequências atreladas a essa técnica. Uma análise acadêmica e simples, realizada pelo autor, afirma que a reciclagem tem se distanciado da questão ambiental uma vez que, ao ser utilizada e reconhecida como elemento de controle ambiental, acaba contribuindo para um consumo menos consciente, acarretando uma maior geração de resíduos, tanto em quantidade quanto em diversidade, que, em sua maioria, não apresenta potencial ou interesse para serem reciclados, seja pela natureza do material ou por seu valor de mercado.

Um olhar mais crítico permite concluir também que as vantagens da reciclagem contrapõem a insustentável situação de precariedade, de todas as ordens, a que os catadores, elementos centrais desse processo, são submetidos. E, ainda, ao fato de que alguns processos demandam grande utilização de outros recursos e energia, o que nem sempre atende aos interesses de proteção ambiental (GUANABARA, GAMA E EIGENHEER, 2008). Há casos em que os custos ambientais podem ultrapassar os benefícios e as vantagens obtidos na reciclagem.

Considerando essas contraposições, entendemos que a razão lógica da reciclagem está pautada no discurso da sustentabilidade que une questões ambientais com saneamento básico adquirindo, com isso, uma importância singular no cenário mundial. Isso torna a reciclagem apazível à consciência social na medida em que é apresentada como alternativa e justificativa ao consumo e à manutenção dos padrões de comportamento da sociedade.

O grande desafio posto ao mundo contemporâneo é aliar crescimento econômico com proteção ambiental. Nesse fato reside nossa preocupação sobre essa consciência ingênua e acrítica que a educação bancária vigente insiste em perpetuar. Por isso, temos procurado investigar situações controversas em torno da temática da educação ambiental. Neste trabalho, debruçamo-nos em entender a situação dicotômica em que vivem os catadores de material reciclável. Se, por um lado, esses sujeitos são reconhecidos por favorecerem a preservação ambiental, por protegerem

a sociedade de ambientes impróprios e por isentarem o poder público de determinadas atribuições, por outro, desfrutam de condições precárias de trabalho e de vida, permanecem à margem da sociedade e são vítimas de preconceito social.

Percurso Metodológico

O trabalho foi orientado pela perspectiva crítico-reflexiva da teoria da ação dialógica presente na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (FREIRE, 2013), abrangendo os conhecimentos da pesquisa qualitativa por meio da etnografia crítica e da observação participante. Esses conhecimentos contribuíram para uma melhor compreensão das inquietações a que fomos submetidos, assim como para o reconhecimento dos sujeitos e do contexto de estudo.

A teoria da ação dialógica proposta por Freire (2013) proporcionou um amadurecimento sobre as relações sociais, assim como contribuiu para a desmitificação de uma série de circunstâncias que envolvem os menos favorecidos. Geralmente, a etnografia crítica está atrelada ao entendimento da sociedade de forma mais ampla, bem como dos sistemas de dominação, de opressão, das ideologias e da compreensão dos discursos. Para Mainardes e Marcondes (2011), essa abordagem contribui para o desenvolvimento de pesquisas que têm como estudo os processos de marginalização e opressão. Assim, por meio da ação dialógica de Paulo Freire, foi possível estabelecer aproximações entre a metodologia etnográfica e o tema de estudo, que se concentrou em uma associação de catadores do município de Juiz de Fora, MG.

Dessa forma, apropriamo-nos dos pressupostos da etnografia, evitando homogeneizar o ser humano, assumindo assim a liberdade que o estudo etnográfico nos permite, de olhar os sujeitos da nossa pesquisa a partir de numerosas concepções, perspectivas e reflexões inspiradas nos autores que embasaram o desenrolar deste trabalho.

O contexto da investigação

O local de encontro com os catadores foi a Associação de Catadores de Resíduos Sólidos e Papéis de Juiz de Fora – APARES. Essa associação foi fundada em 2001, na época com nove catadores. De lá para cá, já chegou a possuir quarenta e oito associados em seu quadro. A presidente atual destacou que muitos desses deixaram a associação voluntariamente e outros foram “convidados” a se retirar por maus costumes e maus hábitos (como droga e bebida em horário de trabalho). No período desta pesquisa, a Apares contava com 18 associados.

Antes de chegarmos à APARES, foram estabelecidos contatos com alguns órgãos da Prefeitura, como o Departamento de Limpeza Urbana e a Secretaria de Desenvolvimento Social, que informaram não haver vínculos empregatícios nem parcerias entre as associações de catadores locais e a Prefeitura. O apoio dado pelo município aos associados se limita àquele dado a todo cidadão em caso de vulnerabilidade social. Não há compromissos nem parcerias oficializados em relação às associações. Após entender que não haveria nenhum trâmite a ser realizado no sentido de solicitar autorização para pesquisa junto à Prefeitura, passamos a estabelecer contato diretamente com a presidente da associação.

A pesquisa *in loco* teve início no mês de outubro de 2014. No primeiro dia de imersão, a recepção foi feita pela presidente da associação, que também era uma das remanescentes de sua fundação. Demos início a uma longa conversa, ali mesmo, sentadas na calçada, do outro lado da rua, em frente ao depósito da associação, debaixo do sol. Falamos sobre as intenções da pesquisa e ela contou um pouco sobre a APARES, sobre os associados e mencionou alguns dos problemas que enfrentavam.

Após essa conversa, fomos autorizados a frequentar a associação pelo período que fosse necessário para a realização da pesquisa. A partir daí, demos início a um período de oito dias de imersão, distribuídos em duas semanas.

As visitas ocorriam em horários alternados a fim de observar a dinâmica de trabalho em horários diferentes. Após essa primeira fase de imersão, no mês seguinte, as visitas foram reduzidas a dois dias por semana, no horário de almoço, das 12h30min às 14h. Nesses dias, procuramos estar o mais próximo possível dos catadores, participando ativamente da separação do material coletado. Alguns se sentiam incomodados e não nos deixavam auxiliá-los, dizendo que aquilo não era trabalho para nós.

Todo o processo de imersão foi registrado em um caderno de campo. Ao sair do local, a primeira tarefa era anotar tudo aquilo que havia atravessado nosso olhar, todas as conversas que haviam sido tecidas no depósito, tudo que, de alguma forma, havia nos tocado.

No caderno de campo foram descritas, minuciosamente, as vivências, as sensações e as percepções compartilhadas junto àqueles sujeitos, na tentativa de compreender e dar sentido às falas, aos gestos e às manifestações corporais. Assim, pretendíamos conhecer melhor a realidade daquelas pessoas, delineando momentos e partes significativas de suas vidas que pudessem despertar em nós a compreensão dos sentidos envolvidos, sem nos preocuparmos com a produção de dados a partir de ferramentas preconcebidas. A base dos encontros, portanto, seria o diálogo. E este, na concepção de Freire (2013, p. 229), “[...] não impõe, não maneja, não domestica, não *sloganiza*”. Foram dois meses de trocas, vivências e experiências e, ainda, de um intenso processo de ressignificação e de desconstrução de sentidos e preconceções.

Resultados

Construindo episódios de análise

Durante o período de imersão, vivenciamos sensações e experiências cuja compreensão só foi possível após um recursivo processo de análise, envolvendo leituras, reflexões, discussões e escrita. Dessa forma, elegemos os cinco primeiros dias como os mais intensos, como aqueles que mais nos tocaram. Para cada um desses dias, elaboramos narrativas que se configuraram em nossos episódios de análise, assim denominados: Respeito; Superação; Frustração; Alteridade e Política. Embora essas narrativas tenham como foco a primeira semana de imersão no depósito de reciclagem, acontecimentos e observações posteriores também contribuíram para o entendimento das circunstâncias e das experiências vividas. Para este trabalho, escolhemos apresentar o episódio “Superação”, por ser aquele que mais nos provocou no processo de entendimento das diferentes dimensões dos mundos que nós e os catadores habitamos. Na narrativa do episódio e em sua análise, optamos por utilizar a primeira pessoa do singular em respeito à dimensão dialógica freiriana com a qual coadunamos.

Episódio 2: Superação

[...]

Ao chegar à Associação, fiquei totalmente perdida com tanta bagunça e *bags* por todos os lados. Muitas pessoas diferentes dentro do depósito. Um pouco tímida, fiquei um tempo com Cida na entrada do depósito. Ela estava “destruindo” ventiladores para retirada dos fios de cobre.

Pouco depois chegou Flávia e me explicou a “função” de Cida na associação. De acordo com Flávia: *Cida dá marteladas (risos). Ela é responsável pelos materiais que chegam com fios de cobre. Ela retira os fios.*

Flávia, estendendo uma sacola com muitos fios encapados, continuou: *A maioria que conseguimos ou recebemos estão assim, encapados. Daí preciso queimar para, então, vender o material metálico, que é o cobre.* Fiquei preocupada com o fato. Posteriormente, entendi que a maioria dos associados não gosta dessa prática de queimar fios e, portanto, doam à Flávia para que ela dê prosseguimento ao processo. O senhor Geraldo, ao chegar, pegou um punhado de fios já prontos para venda em suas mãos e afirmou: *Isso aqui é ouro para eles. É o material de maior valor. Custa em torno de R\$ 12 o quilo.*

Apesar de querer muito ficar ali na porta, precisava adentrar o depósito e cumprimentar aquelas pessoas que ainda não conhecia. Naquele dia, estavam na associação Cristina, Pedro, Cláudia, Eliza, Dona Maria, Taiane, Iris e Cida.

Fiquei muito assustada quando, em meio a sacos e sacolas de lixo, notei Iris, sentada, cabisbaixa, separando o lixo. Aparentava ter mais idade do que disse Flávia: *Iris tem por volta de 54 anos.* Fiquei observando o material que ela separava, sentei ao seu lado e ajudei a organizar os sacos. Até queria poder ajudá-la um pouco mais, mas, naquele momento, eu não consegui. Do material que Iris separava, pouca coisa era reciclável. Muita coisa era rejeito.

[...]

Depois de finalizar a separação de uma *bag*, Cristina se dispôs a organizar uma cabine para colocar Dona Iris e, então, limpar o lugar onde ela estava. A intenção era “abrir” a entrada, porque havia uma informação de que o caminhão da coleta seletiva iria trazer material no dia seguinte e, também, para causar boa impressão para o representante do Centro Mineiro de Referência de Resíduos (CMRR), que viria na próxima semana realizar uma reunião com os associados.

[...]

Enquanto isso, procurava ajudá-la na organização da baia. Cristina avançava baia adentro, enquanto eu ficava na entrada, auxiliando na separação do material. Arrumei uma vassoura e comecei a ajudar na varrição, no mesmo lugar onde estava. Cristina encarou toda a organização com força e empenho, deixando-me limitada a varrer e separar os materiais maiores que ela me entregava, geralmente pedaços de metais. Alguns materiais ela não me deixava pegar, com receio de que me machucasse ou sujasse. Contudo, ratos e baratas corriam para todos os lados, felizmente fugiam de nós. Fiquei atônita, mas tentei não demonstrar minha perplexidade, mantendo a continuidade na limpeza. Nesse momento, questionei se não colocavam venenos para os ratos e as baratas. Cristina respondeu que: *Já colocaram, mas eles voltam por conta do lixo, né?*

Quando o senhor Geraldo chegou e viu Cristina organizando a baia, sua reação de alegria e empolgação foi notável. Balançando os braços e com um singelo sorriso nos lábios, disse baixo, virando-se para o lado, como quem já conseguisse visualizar tudo um pouco mais organizado: *Agora vai. Cristina é como um touro! Ela dá um jeito nessa bagunça rapidinho.*

Aos meus olhos, a expectativa com a vinda do caminhão era grande, todos estavam inquietos pela chegada da coleta seletiva. Era preciso que as duas portas do depósito estivessem abertas e que houvesse área suficiente para despejar o resíduo. Estavam todos mobilizados com a limpeza e organização do depósito para que tivesse espaço suficiente para [...] *a montanha de lixo que chegaria em breve*, como definiu Iris, sentada em seu canto.

[...]

Depois disso, passamos à limpeza do local onde Dona Iris estava sentada. Havia muitos sacos contendo papel e plástico que vieram da ProForte. Nesse local, havia ainda mais ratos, só que dessa vez não consegui continuar. Eram ratos grandes que corriam para todos os lados. Fugindo

de muitos deles, fui para fora do depósito. Eles viviam nas caixas coletoras de água pluvial existente na porta da Associação. Às vezes, furavam o chão do depósito para entrar; outras, entravam pelas frestas que existiam no portão.

Aproximei-me de Dona Iris novamente, auxiliando-a na organização dos sacos para separação do material. Porém, não conseguia mais ficar ali. Logo me ajeitei, já eram quase 17h, peguei minhas coisas e segui para a Universidade.

Neste segundo dia de convivência no depósito, já notei que, a todo momento, havia outras pessoas por ali: conhecidos do bairro, pessoas que trabalhavam nas proximidades, pessoas querendo fazer doações, entre outros.

Superar os limites da ignorância e da sabedoria para compreender o outro

De acordo com Freire (1976, p. 15), “o saber se faz através de uma superação constante”. O enfrentamento do depósito de reciclagem neste segundo dia de imersão representa a concretude dessa frase. Um local, sem dúvida, permeado por saberes não sistematizados. Saberes ocultos que viria a conhecer aos poucos, à medida que mergulhava naquele mundo muito diferente do meu. Tão distante que se apresentava como uma barreira difícil de aproximar, de suportar, de transpor, de estar.

O processo reflexivo desencadeado pela análise do período que passamos na associação nos fez comungar com Freire (1976, p. 15), que alerta que “[...] não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição de humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo”. Assim, sabíamos que havia muito que aprender ali, não só sobre a vida, mas também sobre “as coisas” que constituem aquele outro lugar diferente daquele que ocupamos.

Quando Flávia mencionou que a “função” de Cida era dar marteladas, questionamos se ali não estariam presentes os princípios do Taylorismo-Fordismo, que repercutem pelo mundo moderno desde a Revolução Industrial, prova concreta da manifestação da técnica e da ciência na vida daquelas pessoas. Prova de que aqueles sujeitos, junto ao seu trabalho, sua vida, seus problemas, alegrias e tristezas, seus objetivos e suas aspirações, também compartilham da mesma sociedade que a nossa. Uma sociedade individualista, competitiva, que vive e sobrevive em função do mercado e da lucratividade. Que incentiva, por exemplo, a queima dos fios para a combustão do material isolante que produz gases tóxicos prejudiciais à saúde daqueles trabalhadores e ao meio ambiente pela poluição do ar com a emissão de CO₂.

O material mais valioso para os catadores era o cobre obtido da queima de fios. Ou seja, aquilo que se recicla impacta negativamente o meio ambiente e a saúde das pessoas. Quanta contradição! Máquinas para desencapar fios, granular o plástico e o metal são muito caras e, por isso, restritas às indústrias que, de fato, lucram com esse processo. Sendo assim, por que não pagar um valor justo pelo material bruto sem que ele tenha que passar pelo processo de queima? Qual a finalidade desse cobre? Para onde ele é vendido? Questões como essas ficam no ar, no obscuro mercado que há por trás da fachada criada pela reciclagem.

Cristina estava empenhada em organizar o ambiente para a chegada do caminhão com a coleta seletiva, conforme prometido pelo representante do Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DEMLURB), embora tivesse demonstrado e dito que algumas vezes o material trazido pelo caminhão desanima. De acordo com Cristina, somente algumas pessoas desfrutavam da coleta seletiva entregue pelo DEMLURB. Não havia uma igualdade na distribuição. As pessoas avançavam sobre aquele material e muitos não conseguiam usufruir dele. Além disso, a coleta seletiva atrapalha aqueles que fazem coleta na rua, que não podem entrar nem sair com o carrinho, pois o material que chega fecha toda a entrada do depósito. O posicionamento de

Cristina aponta para a manifestação de um estágio de consciência transitiva, porém ainda ingênua.

De acordo com Freire (1976), existem três estados de consciência: a intransitiva, a transitiva ingênua e a transitiva crítica. A transitividade da consciência se dá à medida que o ser humano passa a captar e a responder às questões ao seu redor e a dialogar com o mundo, quando ele se faz histórico. Há um desenvolvimento de interesses, preocupações e comprometimento com os acontecimentos que se desenrolam ao seu redor. Contudo, em um primeiro momento, a consciência transitiva é ingênua e a transição para uma consciência crítica requer um grande esforço. A consciência ingênua caracteriza-se, como o próprio nome sugere, pela ingenuidade, pela simplicidade na interpretação dos problemas, pela fragilidade na argumentação, na reprodução de discursos, na predominância da emoção, na tendência à polemização das circunstâncias, menosprezando a dialogicidade, sempre com explicações mágicas, o que remete a vestígios da intransitividade.

Nesse sentido, observamos, na fala de Cristina, a manifestação de uma consciência transitiva, porém ingênua. Ela é capaz de delinear o problema, mas não reage aos acontecimentos. Ela observa, expõe o que vê, revolta-se, mas não se mobiliza na busca por mudanças.

No campo da educação ambiental, entendemos que a consciência transitiva ingênua não é exclusividade dos catadores, ela parece predominar em toda a sociedade. Por alguns minutos, observando o material que Iris separava – um material sujo, sem uma seleção adequada, destinado pela sociedade à reciclagem –, percebe-se que, apesar dos inúmeros projetos de conscientização comumente rotulados de “educação ambiental”, muito pouco se sabe sobre a destinação adequada do lixo. Naquele breve instante foi que nos demos conta de que a amplitude e a força do discurso da reciclagem parecem ter conduzido a uma forma de adestramento: “Vamos reciclar porque é importante!”.

Muitas pessoas e instituições, ancoradas no discurso da sustentabilidade, destinam parte de seu lixo para associações e/ou catadores individuais, cultivando a ideia de comprometimento com o meio ambiente por meio de uma ação referendada como ecologicamente responsável e ambientalmente correta. Contudo, a repercussão do tema da reciclagem e o conhecimento que a sociedade possui a seu respeito parece não passar de mera reprodução discursiva. Nesse sentido, questionamos se a reciclagem, da forma como vem sendo praticada e divulgada na mídia e nos espaços educacionais, traz, de fato, alguma contribuição para mudanças no comportamento e na atitude das pessoas.

Poucos se interessam em saber sobre a real possibilidade de reaproveitamento de determinado resíduo para prover a destinação correta do material a ser descartado. O importante é cumprir o “papel” de cidadão politicamente correto. No final, o que vale é o alívio do dever cumprido que nos isente de uma culpabilidade futura.

Esse tipo de postura é decorrente de uma educação não dialógica, não comprometida com a transformação social, descompromissada com o outro, com a vida. Jacobi (2003) esclarece que um dos grandes desafios da educação ambiental é o desenvolvimento de valores e atitudes como confiança, igualdade, respeito mútuo, responsabilidade e solidariedade. Ainda de acordo com esse autor, a educação deveria se comprometer com a formação de sujeitos cidadãos, dotados de direitos e deveres, responsáveis e conscientes de suas atitudes, com a formação de sujeitos aptos a atuar de forma interativa e dialógica em ações democráticas.

A reciclagem incorpora o discurso de uma educação ambiental que passou a ser considerada como sinônimo de comprometimento social, no sentido de dar a correta destinação aos resíduos gerados em todas as instâncias da sociedade. Layrargues (2002, p. 1) comenta que “[...] muitos programas de educação ambiental na escola são implementados de modo reducionista, já que,

em função da reciclagem, desenvolvem apenas a Coleta Seletiva de Lixo [...]”. Esses projetos trabalham sob a perspectiva de uma mudança comportamental comprometida apenas com uma disposição adequada dos resíduos, pouco contribuindo para uma relação mais orgânica entre o ser humano e o meio ambiente.

Nesse sentido, passamos a enxergar os catadores como sujeitos corresponsáveis pela manutenção de grande parte da cadeia produtiva dos processos de reciclagem e que, por enquanto, carregam consigo o legado da manutenção desse processo, geralmente vivendo à margem da sociedade que os referenda.

Por tudo isso, a palavra que definiu o segundo dia na associação foi SUPERAR. Palavra que remete a uma dualidade de sentidos e de sentimentos. Se, por um lado, está atrelada à superação dos momentos de desconforto vivenciados naquele depósito, por outro, está centrada em considerar a hipótese de ignorar certezas e preconceitos para se permitir aprender com aquelas pessoas que, a princípio, aos olhos da sociedade, parecem não ter o que ensinar. Superar os limites da consciência ingênua e permitir conhecer os saberes que ali se constroem à margem da educação formal, o saber de como (sobre)viver do/no lixo. Conhecimentos, aprendizados e experiências inerentes à vida de um catador.

Considerações Finais

A vivência na associação de catadores ajudou a redirecionar o nosso olhar sobre a reciclagem. Possibilitou traçar algumas aproximações com a educação que, apesar de não ter sido conduzida por viés específico, ajudou a compreender como esta atravessa de maneira sutil a vida do catador, não só pelos processos educativos existentes no depósito, mas também pelo saber não sistematizado que adquirem na experiência do trabalho diário. Compreendemos as relações dos poderes instituídos que influenciam a forma como esses sujeitos se organizam, alimentando a consciência ingênua que limita o poder de ação, aumentando a opressão e submissão ao estado posto.

Cabe-nos concluir que vivemos em uma sociedade manipulada pelos interesses econômicos, com um processo educacional fraco e acrítico, incapaz de induzir questionamentos autênticos à ordem preestabelecida. No que tange à reciclagem, a educação ambiental tem contribuído pouco para a emancipação do ser humano enquanto sujeito social, uma vez que limita a problemática dos resíduos apenas à separação e sua correta destinação. Por isso, aspiramos por outro modelo de educação, que seja capaz de incluir e, ao mesmo tempo, aumentar a capacidade de alteridade dos indivíduos. Uma educação que leve ao comprometimento com o outro, independentemente das diferenças em suas condições de vida e de trabalho, que possa disseminar o respeito pela convivência em sociedade, que desperte, por meio do diálogo, o entendimento para as reais necessidades nossas e dos outros. Educação focada no ser humano, na sua condição de indivíduo, de cidadão, de ser social dotado de direitos e deveres. Capaz de contribuir para a emancipação de sujeitos, como os catadores, que se submetem a condições de vida e de trabalho precárias, da qual são figurantes e, ao mesmo tempo, protagonistas.

Agradecimentos e apoios

Aos catadores da APARES, sem os quais este trabalho não seria possível. Aos orientadores que assumiram a condução desta pesquisa de forma coletiva e emancipatória. E ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFJF.

Referências

FIGUEIREDO, F. F. O desenvolvimento da indústria da reciclagem dos materiais no Brasil: motivação econômica ou benefício ambiental conseguido com a atividade? **Scripta Nova - Revista Electrónica sobre Geografía y Ciencias Sociales**, volume 16, número 387, janeiro 2012.

_____. O Ambientalismo Econômico na Indústria da Reciclagem dos Materiais no Brasil. In: Encontros de Socioeconomia do Meio Ambiente e Política Ambiental. **Anais...** Natal, RN: DPP/CCHLA, 2013, 11p.

FREIRE, P. **Educação como prática para liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 54ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GUANABARA, R., GAMA, T.; EIGENHEER, E. M. Os Resíduos Sólidos como tema Gerador: Da Pedagogia dos Três R's ao Risco Ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, 2008.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**. [online]. 2003, n.118, pp.189-206.

_____; BESEN, Gina Rizpah. Gestão de resíduos sólidos em São Paulo. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 25, nº 71, 2011.

LAYRARGUES, P. P. O cinismo da reciclagem: significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, Carlos Frederico B.; LAYRARGUES, Philippe P. & CASTRO, Ronaldo de S. (orgs.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 179-219.

MAINARDES, J.; MARCONDES, M. I. Reflexões sobre a etnografia crítica e suas implicações para a pesquisa em educação. **Educação e Realidade**, v. 36, n. 2, p. 337- 345, maio/ago. 2011.

RIBEIRO, D.V.; MORELLI, M.R. **Resíduos Sólidos: problema ou oportunidade?** 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2009. 158 p.